

FERNANDO PESSOA

O MARINHEIRO

drama estático em um quadro

Um quarto que é sem duvida num castello antigo. Do quarto vê-se que é circular. Ao centro ergue-se, sobre uma eça, um caixão com uma donzella, de branco. Quatro tochas aos cantos. A' direita, quási em frente a quem imagina o quarto, ha uma unica janella, alta e estreita, dando para onde só se vê, entre dois montes longinquos, um pequeno espaço de mar.

Do lado da janella velam trez donzellas. A primeira está sentada em frente á janella, de costas contra a tocha de cima da direita. As outras duas estão sentadas uma de cada lado da janella.

E' noite e ha como que um resto vago de luar.

Primeira veladora. — Ainda não deu hora nenhuma.

Segunda. — Não se podia ouvir. Não ha relógio aqui perto. Dentro em pouco deve ser dia.

Terceira. — Não : o horizonte é negro.

Primeira. — Não desejaes, minha irmã, que nos entretenhamos contando ò que fômos? E' bello e é sempre falso...

Segunda. — Não, não fалlemos d'isso. De resto, fomos nós alguma cousa?

Primeira. — Talvez. Eu não sei. Mas, ainda assim, sempre é bello fallar do passado... As horas teem cahido e nós temos guardado silencio. Por mim, tenho estado a olhar para a chamma d'aquella vela. Ás vezes treme, outras torna-se mais amarella, outras vezes empallidece. Eu não sei porque é que isso se dá. Mas sabemos nós, minhas irmãs, porque se dá qualquer cousa?...

(uma pausa)

A mesma. — Fallar do passado — isso deve ser bello, porque é inútil e faz tanta pena...

Segunda. — Fалlemos, se quizerdes, de um passado que não tivéssemos tido.

Terceira. — Não. Talvez o tivéssemos tido...

Primeira. — Não dizeis senão palavras. É tão triste fallar! É um modo tão falso de nos esquecermos!... Se passeassemos?...

Terceira. — Onde?

Primeira. — Aqui, de um lado para o outro. Ás vezes isso vai buscar sonhos.